Dia 23 — São Clemente, Papa e Mártir

Martirológio Romano

O natalício de São Clemente, o terceiro papa depois de São Pedro apóstolo que governou a Igreja, o qual, na perseguição de Trajano, foi desterrado ao Quersoneso, onde, lançado ao mar com uma âncora atada ao pescoço, alcançou a coroa do martírio. Seu corpo, trasladado a Roma no pontificado de Nicolau I, foi depositado na igreja que antes se havia dedicado a seu nome. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santa Felicidade, mãe de sete filhos mártires, em Roma; a qual, depois deles, foi degolada por ordem do imperador Marco Antonino por confessar a fé católica. (Veja-se sua história juntamente com a do martírio de seus sete filhos entre as do dia 10 de julho.)

Santa Lucrécia, virgem e mártir, em Mérida, na Espanha; a qual, na perseguição de Diocleciano, foi martirizada por sentença do presidente Daciano. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Sisínio, mártir, em Cízico, no Helesponto; o qual, na mesma perseguição, depois de muitos tormentos foi degolado (no ano 311).

Santo Anfilóquio, bispo, em Icônio, na Licaônia, companheiro de São Basílio e de São Gregório Nazianzeno no deserto e no episcopado; o qual, depois de muitas pelejas que sustentou em defesa da fé católica, esclarecido em santidade e doutrina, morreu em paz. (Foi este Santo outro dos Padres mais ilustres da Igreja grega. São Gregório Nazianzeno o chama «Pontífice irrepreensível, anjo do Senhor e herói da verdade»; e por testemunho deste mesmo Padre sabemos que curava com suas orações os enfermos com a invocação da santíssima Trindade e com a oblação do sacrifício. Parece que morreu pelos anos de 394.)

A ditosa morte de São Gregório, bispo, em Agrigento, ou Girgenti, na Sicília. (Seu zelo em defender a verdade católica lhe ocasionou grandes perseguições da parte dos hereges; e, tendo sido acusado em certa ocasião ao papa São Gregório, teve que ir a Roma para defender-se; mas o Pontífice, que conheceu sua inocência, animou-o a continuar sua tarefa. Morreu no ano 592.)

São Trudo, presbítero e confessor, num lugar de Hesbaye.

A ditosa morte de São João Bom, em Mântua, da Ordem dos ermitãos de Santo Agostinho, cuja esclarecida vida escreveu Santo Antonino.

São Clemente, Papa e Mártir

São Clemente foi tão distinguido pelo esplendor de seu ilustre nascimento que estava aparentado com os imperadores romanos. Tudo era grande neste Santo: a origem, a dignidade, as virtudes, a doutrina. Seu pai, que era senador, chamou-se Faustino, e sua mãe, Mátida. O palácio destes senhores estava no monte Célio. Tardou pouco Clemente em acrescentar ao esplendor de seu berço o de seu mérito pessoal; e, fazendo-se mais hábil no estudo das letras humanas, chegou a possuir com perfeição a língua grega. Mas faltava-lhe o conhecimento das verdades da fé quando, por grande ventura sua, entraram em Roma São Pedro e São Paulo, de quem se fez discípulo e o instruíram nas verdades da Religião aqueles dois grandes mestres de todo o universo. Adiantou tanto nela que São Paulo o apelida seu coadjutor na pregação do Evangelho, homem escolhido de Deus, cujo nome estava escrito no livro da vida. Não se sabe a ponto fixo se sucedeu no pontificado imediatamente a São Pedro, ainda que o sentir comum da Igreja parece ser que São Lino e São Cleto o precederam no governo de toda ela. Levou ao trono pontifício a inocência, tendo conservado toda a vida sua pureza virginal. Durante seu pontificado sucedeu entre os fiéis de Corinto uma desgraçada divisão que fez muito ruído. Havia florescido grandemente aquela Igreja pelo exercício das virtudes cristãs e por sua exemplar edificação desde que o apóstolo São Paulo a havia fundado; mas não perseverou em seu primitivo fervor. Perturbou sua paz a emulação de alguns particulares, e viu-se despedaçada com um funesto cisma que se formou dentro de seu mesmo seio. Vendo os fiéis de Corinto os progressos que ia fazendo aquele incêndio fatal, imploraram o auxílio de outras igrejas para cortá-lo e dirigiram-se principalmente à de Roma, que se achava então no mais vivo de suas tribulações. Logo que Deus restituiu a paz a esta Igreja com a morte do perseguidor que a agitava, São Clemente converteu sua atenção aos coríntios e lhes escreveu aquela célebre e admirável carta que tanto louvaram e ponderaram os Padres, sendo um dos mais preciosos monumentos da antiguidade. Está escrita com tão delicada mistura de fortaleza e de suavidade que, corrigindo o mal, faz amável o remédio. Nela resplandece a prudência e a doçura; fala a caridade apostólica, e seu estilo é natural, claro, perspícuo, sem artifício, despojado de todo adorno estranho e forasteiro. Diz Santo Irineu que com aquela Epístola restabeleceu São Clemente a fé e a caridade entre os irmãos de Corinto e lhes anunciou a tradição que já haviam recebido pelo ministério dos Apóstolos. Ao mesmo tempo que o santo Pontífice estava todo dedicado a solicitar a salvação de seu rebanho com o desvelo que correspondia à dignidade e obrigação de pastor universal, levantou-se uma furiosa perseguição contra sua sagrada pessoa como cabeça de todos os Cristãos. Foi citado e viu-se precisado a comparecer diante do prefeito do pretório. Rogou-lhe Mamertino (assim se chamava o Prefeito) que não quisesse lançar uma feia mancha na reputação de seu esclarecido nome, que aplacasse o povo e oferecesse incenso aos deuses. Sua resposta foi muito correspondente a sua fé: nem se podia esperar outra coisa que uma resposta cheia de fortaleza de um homem que estava sentado sobre a sólida pedra da santa Sé apostólica e uma resposta cheia de dignidade do que ocupava a maior e a primeira de toda a Igreja. Mamertino deu parte ao imperador Trajano da resolução do Pontífice, e Trajano o desterrou.

Quis Mamertino fazer outra tentativa e como o último esforço para reduzir o santo Papa; mas o generoso Confessor lhe respondeu constante e resolutamente que nem o desterro nem a morte o fariam nunca adorar os deuses do império; e até o mesmo São Clemente fez algumas tentativas para ganhar o Prefeito e, se não o conseguiu, ao menos lhe inspirou uma terna e compassiva inclinação aos Cristãos. Desterrou-o ao Quersoneso, não sem muita dor sua; e, quando o Santo se despediu dele, enterneceu-se Mamertino e, derramando algumas lágrimas, lhe disse: «Espero que o Deus que adoras não te abandonará em tua desgraça, consolando-te e dando-te forças para sofrer o desterro que padeces por sua glória.» Foi depois conduzido à ilha do Quersoneso Táurico, onde o condenaram a trabalhar nas minas. Um Papa por seu nascimento augusto, por sua dignidade recomendável, por seus méritos ilustre, venerável por suas cãs e muito mais pela santidade de sua vida, desce àquelas profundas espantosas cavernas e vê-se precisado a cavar a terra como um miserável delinquente, a regá-la com o suor de seu rosto e ocupar naquele afrontoso exercício o tempo destinado para governar o rebanho de Jesus Cristo e toda a sua Igreja. Mas que faria o santo Pontífice em tão dura extremidade? Queixar-se-ia de tão injusto proceder? Muito longe estava de queixar-se o que sabia muito bem que em padecer muito consistia a maior glória de sua Religião. Teve-se por muito feliz em participar dos trabalhos dos fiéis, chamando-os sua coroa no estilo do Evangelho: porque com efeito os trabalhos são aquelas pedras preciosas que compõem as coroas imortais com que brilham os bem-aventurados no céu. Oh Deus, e quão diferentes são os pensamentos dos Santos comparados com os nossos! Quando lhes enviais aflições, beijam a mão que os fere, sem que em sua boca nem em seu coração se ouça outra voz que esta: Seja Deus bendito. Mas, quando não nos visitais com tribulações, nem do coração nem da boca se nos caem jamais sentidas queixas e amarguíssimas palavras: estão tão achacosos os olhos de nossa fé que nunca olhamos as desgraças temporais como favores de vossa mão; e contudo é muito certo que o Deus que nos açoita é o Deus que nos ama. Encontrou-se São Clemente em seu desterro com dois mil cristãos, a quem nenhuma coisa atormentava tanto como o insuportável ardor da sede que os abrasava. Era aquele lugar tão árido e tão seco que entre aqueles penhascos, enriquecidos com tantas veias de prata e ouro, não se encontrava nem uma só veia de água, sendo preciso trazê-la com grande fadiga de um sítio muito distante. Movido nosso Santo do trabalho e das lágrimas daqueles ilustres desterrados, voltou-se ao Senhor e lhe suplicou se compadecesse daqueles seus fiéis servos em tão extrema necessidade. Foi ouvida sua oração; e, aparecendo-lhe Jesus Cristo em figura de um cordeiro, assinalou-lhe com o pé uma fonte de água viva que, brotando de repente de um penedo, aumentou o respeito e a veneração que já professavam todos ao novo Moisés; e, acudindo de todas as partes a ser testemunhas do prodígio, os infiéis se converteram à fé. Informado disto o imperador Trajano, despachou o presidente Aufidiano para que fizesse voltar ao culto dos ídolos os que se haviam feito cristãos à vista daquele portento; mas a todos os experimentou incontrastáveis. Derramavam seu sangue, mas mantinham sua fé. Depois que o ministro do Imperador sacrificou muitas daquelas sagradas vítimas, vendo que cada um se apresentava voluntariamente à morte, pródigo ou desperdiçador de sua vida, pareceu-lhe mais acertado perdoar à multidão e castigar unicamente a cabeça. Falou, pois, a São Clemente; instou-lhe para que sacrificasse aos deuses; acariciou-o, ameaçou-o para pervertê-lo; mas que podem as ameaças nem as carícias contra um mártir que tem impresso em seu coração o amor de Jesus Cristo? Assim, pois, vendo que nada adiantava, usando de sua autoridade, deu sentença de morte contra o Santo; e, para que não ficasse entre os fiéis relíquia sua que pudesse consolá-los, mandou que o lançassem ao mar com uma grande âncora ao pescoço, parecendo-lhe

que se esqueceriam logo de um homem de quem não restava coisa que pudesse excitar-lhes a memória, como se o milagre da fonte que brotou repentinamente do penhasco não fosse eterno monumento do poder do santo Mártir. Foi, pois, precipitado no mar à vista de seus queridos filhos, que com os olhos e com o coração seguiam a seu amado pai. Mas que pode o poder dos homens contra o poder de Deus? Enquanto os Cristãos, consternados e aflitos, lamentavam a grande perda que acabavam de padecer, Cornélio e Probo, discípulos do santo Pontífice, disseram aos demais: «Façamos oração a Deus, irmãos meus, para que se digne descobrir-nos as relíquias do santo Mártir»; quando eis que, enquanto estavam em oração, o mar se retirou para dentro, deixando o solo enxuto e livre para que todos os que quisessem pudessem ir visitar o milagroso sepulcro que o Senhor havia preparado ao santo Mártir em meio das ondas e no profundo de seu abismo. Assombrados do prodígio, começam a caminhar a pé enxuto pelo leito que ocupavam antes as águas e acham-se com um templo de mármore fabricado por mão de Anjos; um sepulcro em que estava o corpo de São Clemente e ao lado dele a âncora com que foi lançado ao mar. Mais fácil é conceber que declarar o assombro que sobrecolheu a todos os fiéis à vista daquele portento. Já estavam resolvidos a retirar dali o corpo do santo Mártir, quando por meio de uma visão lhes avisou o céu que não o tocassem, com a segurança de que todos os anos se repetiria o prodígio, retirando-se o mar por espaço de sete dias para que todos lograssem o consolo de visitar a sua satisfação o corpo do Santo. Cumpriu-se assim pontualmente, com tanta utilidade dos que foram testemunhas daquela maravilha que não ficou em todo aquele país nem herege, nem judeu, nem pagão. Mas sucedeu outro prodígio que todavia contribuiu mais à propagação da fé. Um homem devoto com sua piedosa mulher e um filho único que tinham foram tributar respeitos ao santo Mártir em seu milagroso templo, no qual se detiveram muito devagar; mas, como já ia declinando o dia sétimo e se aproximava a hora em que o mar havia de voltar a seu curso ordinário, saíram do templo, deixando nele a prenda que mais amavam, isto é, seu querido filho, dispondo o céu com particular providência um esquecimento que não parecia natural. Já o mar havia ocupado seu acostumado leito quando os pais do menino caíram em conta de seu descuido. Não tiveram outro remédio que retirar-se a sua casa com o coração traspassado de dor. Passou-se o ano, e, aproximando-se a festa do Santo, disseram um ao outro aqueles devotos pais do novo Moisés: «Vamos visitar o sepulcro do glorioso São Clemente e recolheremos os ossos de nosso querido filho.» Deram-se pressa a caminhar e chegaram os primeiros à orla, correndo apressados ao sepulcro do Santo logo que o mar se retirou, seguidos de outros muitos que não caminhavam com tanta celeridade. Apenas entraram no templo quando viram seu filho vivo, são, robusto e com a mais cabal saúde. Tanto embarga a voz um excessivo gozo como uma excessiva dor, e assim ficaram os dois por largo tempo como mudos, atônitos e assombrados, sem conhecer-se um ao outro; mas por fim, voltando a si daquele extático pasmo, foi seu primeiro desafogo prorromper em graças, bênçãos e louvores da grandeza de Deus, de sua maior glória e do poder de nosso Santo. Este prodígio o refere Santo Efrém, bispo da cidade de Geórgia [Quersoneso]; repete-o São Gregório de Tours; e o cardeal Barônio em seus Anais assegura ser tais e tão autênticas suas provas em toda a antiguidade que não há o mais leve fundamento para pô-lo em dúvida.

Santa Lucrécia, Virgem e Mártir

Santa Lucrécia, ilustre por seu nascimento, mas muito mais pela pureza de sua fé e pelo glorioso triunfo que conseguiu de um dos mais ferozes perseguidores da Igreja, nasceu em Mérida, cidade esclarecida na glória de alguns Santos com que ensalçou seu nome não somente na terra, mas no céu. Deixou-se ver no mundo dotada de todas aquelas nobres disposições de natureza e de graça que não só aplanam, mas facilitam o caminho da virtude; e, aplicando-se seus pais a dar-lhe uma educação tão própria de sua piedade como de seu ilustre berço, suas instruções só serviram para fomentar nela aqueles sentimentos tão nobres como cristãos que o Espírito Santo inspirava de contínuo no terno coração de Lucrécia, que pela justificação de sua conduta era o exemplo e até a confusão de muitos fiéis; sendo esta a causa por que a olhavam os idólatras como inimiga de seus falsos deuses.

Lucrécia fazia cada dia admiráveis progressos na virtude quando os imperadores Diocleciano e Maximiano moveram contra a Igreja a décima perseguição que padeceu no tempo dos príncipes pagãos. Enviaram estes à Espanha por seu lugar-tenente ou governador a Daciano, um dos homens mais cruéis que têm conhecido os séculos, e, depois que sacrificou ao furor de sua sanha inumeráveis vítimas inocentes nas províncias da Catalunha, de Aragão e de Toledo, passou à de Portugal e, apresentando-se em Mérida, fez publicar os editos costumados, mandando por eles que todos os vassalos do império rendessem adoração aos deuses romanos. Não tardou muito em saber que entre os Cristãos se distinguia Lucrécia por suas eminentes virtudes e, dando ordem a seus ministros para que a trouxessem a sua presença, ficou cheio de admiração ao ver sua rara formosura e sua singular modéstia. Soube que era uma donzela não menos nobre que poderosa e, querendo por uma parte obrigá-la ao culto dos ídolos e por outra apoderar-se de seus bens, começou a persuadi-la a que desistisse da vã religião dos Cristãos, valendo-se para isso de quantos meios pôde sugerir-lhe sua cega obstinação. Experimentou em breve tempo que todos os seus esforços eram inúteis para reduzir a ilustre Virgem a que sacrificasse aos deuses romanos e, parecendo-lhe que o horror e as moléstias da cadeia a obrigariam a mudar de propósito, mandou pô-la num escuro calabouço, com ordem expressa de que não a visse nem lhe falasse pessoa alguma.

Manteve-se Lucrécia algum tempo na dura prisão, padecendo inumeráveis trabalhos; mas, tendo entendido Daciano que era mais fácil desfazer as pedras mais duras e derreter o ferro em brandura que separar a insigne Virgem da religião que professava, deu ordem a seus ministros para que a apresentassem a seu consistório, onde, sentado em classe de juiz, lhe falou desta sorte: «Admiro-me, Lucrécia, que, sendo de nobre e livre condição, mostres nos costumes ser uma pessoa vil, confessando-te escrava de Cristo, aquele homem que, cravado numa cruz, não pôde a si mesmo livrar-se do patíbulo.» — «Se tivesses lido o Profeta (respondeu-lhe a Santa), saberias que servir a Deus é reinar: em cujo suposto não prejudica a minha liberdade minha servidão. Jesus Cristo, verdadeiro Deus, antes a ensalça, e por isso mesmo recebe dela mais esplendor que detrimento.» — «Dize», seguiu então Daciano, «antes que os tormentos e as penas possam vingar tuas blasfêmias: por que resistes a sacrificar a nossos deuses?» — «Porque está escrito», contestou Lucrécia, «que só se há de servir e sacrificar a Deus; os teus são demônios, a quem é superstição adorar.» — «Logo eu», continuou o tirano, «nossos imperadores, o senado e povo romano somos supersticiosos?» — «Sem dúvida o sois», disse Lucrécia, «pois não conheceis nem adorais o verdadeiro Deus.»

Não pôde Daciano sofrer por mais tempo o desprezo que a insigne Virgem fazia de todas as suas repreensões e, querendo concluir de uma vez o interrogatório, disse-lhe: «Elege por último um destes dois extremos: ou padecer como néscia diferentes penas entre os sentenciados à morte, ou sacrificar aos deuses como sábia e nobre pessoa.» A isto respondeu Lucrécia: «Sacrifica tu aos demônios, que eu só ofereço sacrifício ao verdadeiro Deus e a Jesus Cristo, seu único Filho.» Não é possível explicar o furor que concebeu o tirano ao ouvir semelhante resolução e, desejando vingar as injúrias feitas a seus deuses, mandou ferir com fortes bofetadas o rosto da formosíssima donzela e estendê-la sobre o cavalete ou potro, para que padecesse o fero tormento daquela horrível máquina; mas, vendo que em lugar de sentimento manifestava Lucrécia uma inalterável tranquilidade e uma alegria extraordinária em meio daquele castigo, pronunciou sentença de que fosse degolada imediatamente, persuadindo-se que, se apelava a outras provas para vencer sua constância, seria dar margem a sua maior confusão. Os infiéis tiraram a ilustre heroína fora da cidade, perto da fábrica de uma ponte, e, cumprindo a injusta providência do tirano, consumaram o sacrifício da inocente vítima no dia 23 de novembro, a princípios do século IV. Os Cristãos recolheram de noite o venerável cadáver da insigne Mártir e lhe deram sepultura com a cautela que permitiam aquelas idades lamentáveis; mas, depois que a Igreja gozou de paz, ergueram em honra da Santa um magnífico templo no mesmo lugar onde padeceu o martírio, o qual durou até a irrupção dos mouros na Espanha.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Clemente, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos annua beati Clementis, martyris tui atque pontificis, solemnitate lætificas: concede propitius, ut cujus natalitia colimus, virtutem quoque passionis imitemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos encheis de alegria na festividade de São Clemente, papa e mártir: concedei-nos, benigno, que imitemos a virtude da paciência naquele cuja festa celebramos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é dos capítulos 3 e 4 da do apóstolo São Paulo aos Filipenses.

Filipenses 3,17-21; 4,1-3

>

> **Latim:** [17] Imitatores mei estote, fratres, et observate eos qui ita ambulant, sicut habetis formam nostram. [18] Multi enim ambulant, quos sæpe dicebam vobis (nunc autem et flens dico) inimicos crucis Christi : [19] quorum finis interitus : quorum Deus venter est : et gloria in confusione ipsorum, qui terrena sapiunt. [20] Nostra autem conversatio in cælis est : unde etiam Salvatorem exspectamus Dominum nostrum Jesum Christum, [21] qui reformabit corpus humilitatis nostræ, configuratum corpori claritatis suæ, secundum operationem, qua etiam possit subjicere sibi omnia. [1] Itaque fratres mei carissimi, et desideratissimi, gaudium meum, et corona mea : sic state in Domino, carissimi. [2] Evodiam rogo, et Syntychen deprecor, idipsum sapere in Domino. [3] Etiam rogo et te, germane compar, adjuva illas, quæ mecum laboraverunt in Evangelio cum Clemente, et ceteris adjutoribus meis, quorum nomina sunt in libro vitæ.

Português: [17] Sede meus imitadores, irmãos, e não percais de vista aos que assim andão, conforme tendes o nosso exemplo. [18] Porque muitos andão, de quem outrás vezes vos dizia, (e agora tambem o digo chorando) que são inimigos da cruz de Christo: [19] cujo fim he a perdição: cujo Deos he o ventre: e a sua gloria he para confusão d'elles, que gostão só do que he terreno. [20] Mas a nossa conversação está nos ceos: donde tambem esperamos ao Salvador nosso Senhor Jesu Christo, [21] o qual reformará o nosso corpo abatido, para o fazer conforme ao seu corpo glorioso, segundo a operação com que tambem póde sujeitar a si todas as cousas. [1] POR tanto, meus muito amados, e desejados irmãos, gosto meu, e coroa minha : estai assim firmes no Senhor, caríssimos. [2] Rogo a Evodia, e supplico a Syntyque, que sintão o mesmo no Senhor. [3] Tambem te rogo a ti ainda, ó fiel companheiro, que as ajudes como pessoas, que trabalháro comigo no evangelho com Clemente, e com os outros que me ajudárao, cujos nomes estão no livro da vida.

Reflexões

Cujo fim é uma morte infeliz, cujo ventre é seu deus e cuja glória cede em maior confusão dos que só gostam das coisas da terra. Quantos e quantos se podem ver a si mesmos neste fiel retrato! Cheio está o mundo no dia de hoje de falsos cristãos, cuja religião é de perspectiva, não mais que por bem parecer, um fantasma ou espantalho de religião, ocupando neles o espírito do mundo aquele lugar que devia encher o espírito de Jesus Cristo. Olham estes as máximas do Evangelho com os mesmos olhos com que os pagãos olhavam nossa doutrina, que era escândalo para os judeus, loucura e necedade para os gentios. Valha a verdade: que fé, que religião é a daquelas pessoas mundanas que só tomam gosto às coisas da terra? Cujos costumes, cujas máximas, cuja conduta é tão contrária ao espírito de Jesus Cristo? Entregues a seus próprios desejos, escravos de suas brutais paixões, guiados de seus alucinados sentidos, que regras se proporão para governar-se com acerto? Que é o que hoje se estima, que é o que se aplaude no mundo? De que se faz glória e vaidade? Em que se coloca a ventura, a felicidade e a fortuna? Não há mais que consultar a esses idólatras das diversões, dos banquetes e dos passatempos; a essas mulheres do grande mundo, cujos costumes são tão parecidos aos costumes das mulheres pagãs e cuja vida se desvia

tão pouco da sua. Não há mais que atender à matéria mais comum das conversações, dos corrilhos, das visitas e dos concursos em que brilha a profanidade mais escandalosa, a licença mais desmascarada e o espírito do mundo mais a cara descoberta. Ah! Que a desordem chegou a tal ponto que se faz gala do mesmo desonor. Faz-se profissão de ser menos cristão e como que se envergonham alguns de obedecer às mais sagradas leis da Igreja. Os exercícios espirituais, as devoções, os atos públicos de religião não são do gosto das pessoas mundanas. A delicadeza, o orgulho, a ambição, o refinamento nas diversões e nos passatempos, a altanaria, a vaidade e o desembaraço, estes são os principais traços que hoje caracterizam no mundo a maior parte dos que se chamam cristãos. De quantos se poderá dizer que não reconhecem outro Deus que suas riquezas, que sua ambição, que seus gostos, que suas diversões, que seu ventre? Mas qual será seu destino? Já o anuncia São Paulo sem ambiguidade, sem dissimulação: uma morte infeliz e desgraçada: *Quorum finis interitus.*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 24 de São Mateus.

Mateus 24,42-47

> **Latim:** 42 Vigilate ergo, quia nescitis qua hora Dominus vester venturus sit. 43 Illud autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias qua hora fur venturus esset, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 44 Ideo et vos estote parati : quia qua nescitis hora Filius hominis venturus est. 45 Quis, putas, est fidelis servus, et prudens, quem constituit dominus suus super familiam suam ut det illis cibum in tempore ? 46 Beatus ille servus, quem cum venerit dominus ejus, invenerit sic facientem. 47 Amen dico vobis, quoniam super omnia bona sua constituet eum.

Português: 42 Velai pois, porque não sabeis a que hora há de vir vosso Senhor. 43 Mas sabei, que se o pai de familia soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria sem duvida, e não deixaria minar a sua casa. 44 Por isso estai vós tambem apercebidos: porque não sabeis em que hora tem de vir o Filho do homem. 45 Quem cres que he o servo fiel e prudente, a quem seu senhor poz sobre a sua familia, para que lhes dé de comer a tempo? 46 Bemaventurado aquelle servo, a quem seu senhor achar nisto occupado quando vier: 47 na verdade vos digo, que elle o constituirá administrador de todos os seus bens.

Meditação

Não há estado mais perigoso para a salvação que o da tibieza

Primeiro ponto

Considera que por estado de tibieza se entende a disposição de uma alma que se cinge precisamente a evitar as culpas graves e que faz pouco ou nenhum apreço das faltas ligeiras, as quais comete com frequência, sem reparo, sem temor e sem remorso. De uma alma que faz os exercícios espirituais com negligência, que reza e ora sem atenção, que frequenta as confissões sem emenda, as comunhões e missas sem fervor e faz todas as suas devoções sem fruto. Em semelhante estado olha a alma o exercício das grandes, das heroicas virtudes com uma indiferença que degenera logo em desgosto. Sente não sei que desmaio no serviço de Deus, que a inclina a fazer todas as coisas com frouxidão e com descuido. O desmaio passa muito em breve a fraqueza, e esta chega a ser tanta que lhe faz duro, pesado, insuportável o jugo do Senhor. Em semelhante lastimosa constituição expõe-se sem escrúpulo a ocasiões perigosas, derrama-se indiferentemente o espírito a todo gênero de objetos e o coração se entrega quase sem remorso a mil perniciosos desejos. Então, se se faz alguma coisa boa, é só por bem parecer, por costume, por inclinação natural, por humor ou por capricho. Assiste-se como de cumprimento a certos atos piedosos a que precisa a obrigação; e, como se guardem certas medidas, como se observem certas exterioridades de religião que bastam para evitar a nota e a repreensão dos que devem zelar sua observância, faz-se pouco caso de agradar ou não agradar a Deus, ou, por melhor dizer, apenas se faz coisa que não lhe desagrade. Deixa-se facilmente induzir a alma a cometer todo gênero de culpas veniais com pleno conhecimento e com toda deliberação, fazendo com tédio e com desgosto aqueles exercícios espirituais de que não se pode dispensar. Trata-se com desvio e olha-se com não sei que secreta aversão as pessoas virtuosas; porque sua virtude é uma importuna censura, seu fervor uma muda mas penetrante repreensão da tibieza. Só se gosta de tratar com os imperfeitos e sente-se certa oculta propensão para os menos observantes. Agrada muito sua conversação, e se celebram suas chanças, suas zombarias, suas satíricas mordacidades contra os devotos e contra os que eles chamam beatos. Gosta-se dos imperfeitos que por seus modos livres ou pouco religiosos autorizam o relaxamento. Daqui nascem aquelas amizades particulares sempre perniciosas a esses imaginários amigos; daqui aquelas insulsas bufonarias com que se zombam da escrupulosa pontualidade dos bons; bufonarias que acabam de sufocar inteiramente a pouca semente de devoção e de piedade que havia ficado naquela pobre alma. Para cúmulo de sua desgraça forma-se lá uma consciência a cujo abrigo uma pessoa que por outra parte frequenta os Sacramentos alimenta dentro de seu coração aversões secretas, emulações cheias de veneno, perigosas e até talvez pecaminosas inclinações, certo espírito de amargura e de murmuração contra os superiores, um fundo de orgulho e de amor-próprio que se derrama em quase todas as ações da vida. Imagina estado mais perigoso, mais pernicioso nem mais digno de lástima para a salvação.

Segundo ponto

Considera em quanto perigo está a salvação de uma alma que se acha em tão lastimoso estado. A pobre nem ainda ao menos conhece o perigo; pois por que milagre se retirará dele? Julga que se

acha em bom estado; por onde pensará em passar a outro? Confessa, sim, que não se sente com o maior fervor, que seu amor de Deus não é o mais fino e o mais ardente; mas está muito longe de pensar que se acha em desgraça de Deus e ordinariamente se acha. Desenganemo-nos; raríssima vez está uma alma por largo tempo na tibieza sem que esteja em pecado mortal; não porque os pecados veniais que comete sem escrúpulo cheguem nunca a ser mortais, mas porque é moralmente impossível que a alma viva por largo tempo numa tibieza, numa indevoção e numa infidelidade habitual sem que caia em alguma culpa mortal. É para ela sumamente fácil o consentir num mau pensamento. Uma alma tíbia, privada por culpa sua daqueles especiais auxílios que são tão necessários para resistir às violentas tentações, os quais, pelo regular, somente os concede Deus às almas fervorosas, sairá sempre vitoriosa dos laços, dos malignos artifícios do inimigo da salvação, continuamente em sentinela, perpetuamente alerta para surpreender a praça? Não nos enganemos: viver habitualmente em estado de tibieza e conservar por largo tempo a inocência é uma quimera em boa filosofia cristã. Toda a diferença está em que um pecador claro e descoberto, um libertino de profissão, conhece que está em desgraça de Deus, e uma alma tíbia, que talvez o está mais, imagina-se erradamente em sua amizade; por cuja razão disse o Senhor que em seu serviço era menos mau ser inteiramente frio que tíbio ou indiferente. Menos dificultosa é a conversão de um grande pecador que a de uma alma tíbia. Há poucos sinais mais certos de reprovação que este estado de frouxidão, de covardia, de indevoção e de indiferença. Veem-se homens malvados que voltam sobre si e se emendam de sua dissolução; mas poucas almas indevotas e tíbias se veem que se corrijam de sua tibieza.

Conheço, Senhor, que é mister um milagre de vosso poder e de vossa misericórdia para fazer-me sair deste infeliz estado de tibieza em que por tanto tempo tenho vivido; mas espero com a maior confiança que obrareis este milagre por vossa pura bondade e pela intercessão de minha singular protetora, vossa querida Mãe, a santíssima Virgem Maria. Reconheço o perigo deste desgraçado estado em que me acho; prevejo muito bem todas as suas funestas consequências, e este é visível sinal de que Vós quereis tirar-me dele.

Concedei-me, Senhor, vossa graça, pois com ela quero sair dele desde este mesmo momento.

Jaculatórias

Dignai-vos, Senhor, de dilatar meu coração, e desde o mesmo ponto correrei, voarei pelo caminho de vossos santos mandamentos. (Sl 118.)

Ansiosamente deseja minha alma observar com fervor os justos preceitos de tua santa lei por todo o espaço de minha vida. (Ibid.)

Propósitos

1. Não há estado mais perigoso nem tampouco o há mais comum, ainda naquelas pessoas que fazem profissão de virtuosas, que o estado da tibieza. É, por assim dizer, uma enfermidade popular com a qual nos domesticamos; mas que nem por isso deixa de ser menos mortal. É uma febre lenta que não estorva as funções ordinárias da vida; mas apenas há quem se livre dela. Vai-se consumindo pouco a pouco o enfermo por largo espaço de tempo e ao cabo morre. Aplica desde hoje todos os remédios possíveis para cortar este mal. Dá princípio à cura fazendo teus diários exercícios espirituais com nova atenção, com nova exatidão, com nova devoção e com novo fervor. No princípio te levará atrás de si o mau costume que tens de fazê-los sem atenção e sem gosto; mas mantém-te firme e faze frente a esse mau costume. Começa pela pontualidade de fazê-los todos a seu tempo e passa depois a fazê-los com novo respeito e de joelhos, se isto te for possível. Enfim, faze tudo o que está da tua parte, que a graça fará o mais.

2. Desvia-te do trato dos tíbios e dos imperfeitos: a tibieza é uma enfermidade contagiosa que facilmente se pega. Rompe toda amizade particular, que é a peste das comunidades; e volta desde hoje a todas as devoções, a todos os exercícios espirituais que deixaste. Sobretudo aplica-te com particular atenção a tirar fruto da frequência dos Sacramentos; e, se és sacerdote, a celebrar com proveito e com respeitosa devoção o santo sacrifício da missa. Insensivelmente se vai deixando a preparação e as ações de graças depois dela. Acostuma-se um a fazer sem devoção aquilo que faz todos os dias. Remedeia desde logo tão grande mal. Prepara-te sempre com cuidado e com novo fervor para comungar ou para celebrar o tremendo sacrifício. Executa estes dois grandes atos com toda a religião que inspira uma viva fé; e nunca omitas as ações de graças, tanto na forma como no tempo que deves empregar nelas. Com o mesmo zelo te hás de chegar ao sacramento da Penitência: sempre te hás de confessar como se soubesses com certeza que aquela havia de ser tua última confissão. O retiro espiritual de um dia cada mês é um dos meios mais próprios e mais eficazes para sair do estado da tibieza: jamais deves omitir este santo costume. Pelo menos emprega uma vez por semana algum espaço de tempo na meditação da morte. Não há remédio mais saudável contra os desalentos da alma no serviço de Deus: não há exercício mais proveitoso nem mais seguro. Nenhuma coisa hás de desprezar quando se trata de tua eterna salvação ou de tua condenação eterna. Que necessidade tens de outro motivo mais poderoso?

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:02 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:03 by Admin